ISSN: 2358-8829

DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PLURAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA NA IMPLEMENTAÇÃO DE QUESTÕES RACIAIS E DE DIVERSIDADE EM CASTANHAL/PARÁ.

Yasmim Tavares Gomes[1]
Lilian Silva de Sales[2]

INTRODUÇÃO

A Educação Básica no Brasil busca promover uma formação humana, plural e inclusiva. Para que essa perspectiva de igualdade seja alcançada, o espaço escolar precisa garantir uma educação considerando as relações étnico-raciais.

No que se refere a educação para as relações étnico-raciais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 26 (o qual foi alterado através das leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 consecutivamente) institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nos currículos da rede de ensino, sendo estas alterações, importantes conquistas e reivindicações de movimentos sociais.

À Educação Física, componente curricular obrigatório na educação básica, também se impõe o desafio e o compromisso legal, de desconstruir currículos e práticas colonizadoras. Mas, historicamente sabemos, que o referido componente curricular foi utilizado para legitimar discursos eurocêntricos, focados na aptidão física; em abordagens biologicistas e na cultura esportivo competitiva, mantendo padrões corporais excludentes (Castellani, 2016; Soares, 2017).

O presente trabalho relata as vivências desenvolvidas por bolsistas do PIBID de Educação Física na Escola Municipal de Ensino Fundamental, nas séries iniciais, localizada no município de Castanhal – PA, tendo como objetivo apresentar as barreiras pedagógicas estruturais identificadas na prática pedagógica, as quais tem se expressado principalmente pela insegurança técnica e teórica manifestada pela docente supervisora.

Evidenciar essas barreiras é relevante, pela urgência em compreender como o silenciamento da temática e o tratamento superficial e folclorizado das relações étnico-

[1]Graduanda do Curso de Educação Física Plena da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Castanhal, yasmimtavares92@gmail.com;
[2]Professora adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Castanhal, liliandesales@gmail.com

raciais na escola não decorre apenas de negligências isoladas dos professores, mas sim de uma estrutura de exclusão que está entranhada no sistema escolar.

METODOLOGIA

Diante desse cenário de silenciamentos estruturais no cotidiano educacional, este relato é norteado pelo seguinte problema: quais são os principais desafios pedagógicos enfrentados por docentes da educação básica na implementação de conteúdos voltados para as questões étnico-raciais e para a diversidade na Educação Física escolar?

Trata-se como um relato de experiência de cunho descritivo e analítico. O locus da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada no bairro Saudade, no município de Castanhal, Estado do Pará. A escolha do campo é fruto das vivências de regência desenvolvidas por meio do PIBID, subprojeto Educação Física e Educação para as Relações Étnico-Raciais e Diversidade.

Os sujeitos da pesquisa foram os bolsistas do programa do curso de Educação Física e a professora supervisora responsável pelo componente curricular na unidade de ensino. As informações relativas à trajetória formativa da professora supervisora, foram obtidas durante os momentos de supervisão pedagógica, nos quais, por meio de um diálogo aberto, compartilhou suas percepções e experiências acerca da temática.

Os dados produzidos ao longo da experiência foram sistematizados e analisados de forma qualitativa. A análise foi realizada de forma interpretativa, buscando articular as situações vivenciadas no cotidiano escolar com o referencial teórico que orienta o subprojeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de uma educação comprometida com o reconhecimento das diferenças exige uma prática pedagógica reflexiva e politicamente situada. Nesse sentido, Munanga (2010) nos oferece um fundamento ético e político central ao argumentar que a questão racial aprofunda e racializa o projeto pedagógico freiriano, nos convocando para uma Pedagogia de Diversidade que reconhece, respeita e valoriza as diferenças étnico-raciais.

ISSN: 2358-8829

Na Educação Física, esse debate chegou de forma tardia e ainda enfrenta resistências. Santos et al (2023) apontam que, embora existam iniciativas antirracistas nas aulas de Educação Física, estas ainda se configuram como práticas isoladas e pontuais, revelando que a área historicamente se constituiu a partir de referenciais eurocêntricos que negligenciaram as contribuições das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas para a corporeidade.

Nessa perspectiva, a invisibilização da cultura afrobrasileira na Educação Física não é um fenômeno neutro, mas resultado de disputas históricas em torno da representação e do reconhecimento. Articulado a isso, o conceito de racialização, conforme desenvolvido por Silvério (2013), permite compreender como as hierarquias raciais são produzidas e reproduzidas socialmente, inclusive nas instituições educativas.

Reconhecer esse processo é condição indispensável para que a Educação Física possa, de fato, se constituir como um espaço de afirmação e não de apagamento das identidades raciais.

RESULTADOS

A análise dos registros dos diários de campo e dos relatos obtidos nos momentos pedagógicos de supervisão permitiu organizar os resultados em três eixos centrais: as marcas eurocêntricas na formação inicial, o papel do PIBID na formação continuada e as dificuldades estruturais com a gestão escolar. A partir desses três eixos centrais, pudemos destacar as conclusões analíticas a seguir.

A INSEGURANÇA NA FORMAÇÃO DOCENTE

O primeiro eixo de análise evidencia a insegurança da professora supervisora em trabalhar com a temática étnico-racial. Ao falar sobre sua graduação em Educação Física, a docente apontou uma lacuna curricular expressiva: "não tive essas coisas na Universidade, as disciplinas eram mais técnicas, voltadas pro esporte. Naquele ano não se falava sobre isso como agora" (professora supervisora, 05 de dezembro de 2025)

Em pesquisa com professores de Educação Física no Rio de Janeiro, Crelier e Silva (2018), identificaram que metade dos docentes entrevistados desconhecia a Lei 10.639/03 e todos relataram ausência do debate étnico-racial na formação superior, demonstrando

que o currículo das licenciaturas em Educação Física historicamente se constituiu a partir de referenciais tecnicistas e biologicistas.

Sales (2016) identificou uma dinâmica semelhante em sua pesquisa com professoras da rede pública da Região Metropolitana de Belém, ao constatar que mesmo quando a temática racial aparece na graduação, sua abordagem é pontual e superficial, restrita a um seminário ou a uma única disciplina.

Essa insegurança docente, no entanto, não nasce de negligência individual, mas é o produto de uma formação que internalizou o eurocentrismo como norma. Attilio, Corrêa e Rossi (2022) confirmam esse diagnóstico ao identificarem que a corporeidade negra permanece ausente tanto nos planejamentos de aulas quanto na formação de professores de Educação Física.

O PIBID COMO ESPAÇO DE ATUALIZAÇÃO E PRÁTICA COLABORATIVA

Se a formação inicial deixou lacunas profundas, as vivências no cotidiano escolar evidenciaram o potencial transformador dos espaços formativos alternativos. A professora supervisora relatou nunca ter realizado cursos de capacitação que abordassem a temática étnico-racial, e que os encontros mensais do PIBID tornaram-se seu espaço de atualização, por meio da leitura de textos acadêmicos, exibição de filmes, documentários e vivências de práticas corporais afro-brasileiras e indígenas.

Esse dado é significativo em múltiplas dimensões. Primeiro, reafirma o potencial do PIBID como política pública que extrapola a formação dos licenciandos e alcança os docentes da educação básica, promovendo o que Rodrigues e Rossi (2024) identificam como trabalho colaborativo entre universidade e escola. Segundo, revela a ausência de políticas sistemáticas de formação continuada, deixando professores sem suporte institucional para cumprir o que determinam as Leis.

É exatamente esse movimento que o PIBID tem provocado. O contato com materiais afro-referenciados e a experimentação de práticas corporais de matrizes africanas e indígenas constroem, gradualmente, uma nova forma de conceber a Educação Física, tratando a corporeidade negra como conteúdo legítimo ao longo de todo o ano letivo, e não apenas em datas comemorativas, como alertam Rodrigues e Rossi (2024).

BARREIRAS INSTITUCIONAIS E ESTRUTURAIS NO CHÃO DA ESCOLA

ISSN: 2358-8829

O terceiro eixo revela que debater o racismo estrutural na Educação Física exige enfrentar obstáculos que vão muito além da sala de aula. A professora supervisora destacou que o diálogo com a gestão escolar é difícil e praticamente inexistente, justificando esse distanciamento pela não resolução de demandas básicas como limpeza dos espaços, falta de materiais pedagógicos e ausência de apoio institucional.

Sem condições adequadas e sem apoio da gestão, o professor acaba sendo empurrado de volta para os esportes tradicionais, que demandam menos recursos, perpetuando a monocultura esportiva que historicamente excluiu as corporeidades negras e indígenas das aulas de Educação Física (Santana et al, 2025).

O cenário reforça o que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, quando afirma que a responsabilidade por uma educação antirracista não pode ser um fardo individual do professor, mas exige o envolvimento de todo o sistema de ensino, enfatizando a gestão escolar como agente que deve garantir as condições concretas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências, por meio do PIBID, permitiu compreender que os entraves para a aplicação prática da ERER na Educação Física derivam de amarras estruturais. O estudo atingiu seu objetivo ao mapear as raízes da insegurança técnica e teórica identificada.

A falta de materiais específicos, a infraestrutura inadequada e o isolamento causado pela ausência de diálogo com a gestão escolar acabam fadando o docente à prática esportiva tradicional, que demanda menos recursos e espaços.

Por outro lado, a experiência demonstrou a força do PIBID como um espaço essencial de formação continuada. Os encontros, estudos de textos e debates promovidos pelo programa funcionaram como um elo de atualização, oferecendo à professora supervisora e aos bolsistas o suporte teórico e metodológico.

Por fim, a consolidação de uma Educação Física efetivamente antirracista e decolonial em Castanhal, exige ações que ultrapassam as linhas do plano de aula. É indispensável que as instituições de ensino superior repensem suas matrizes curriculares e que as gestões escolares assumam a responsabilidade pelas exigências legais, garantindo que a valorização da diversidade cultural seja ofertada para a comunidade escolar.

Palavras-chave: Iniciação à Docência, Educação Física, Relações Étnico-Raciais, Formação Docente.

REFERÊNCIAS

ATTILIO, Vitoria Fernandes; CORRÊA, Denise Aparecida; ROSSI, Fernanda. A corporeidade negra e o contexto escolar: estudo de revisão sistemática. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 27044-27044, set. 2022.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 2016.

CRELIER, Cátia Malaquias; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. Africanidade e afrobrasilidade em educação física escolar. Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1307-1320, out./dez. 2018

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. Cadernos Penesb, Niterói, n. 10, p. 37-54, jan. 2008/jun. 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação física: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012.

RODRIGUES, Rudson Caetano; ROSSI, Fernanda. Relações étnico-raciais e africanidades na educação física escolar: reflexões sobre os saberes docentes. Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 129-141, 2024.

SALES, Lilian. Experiências de professoras/es "em formação" e articulações de gênero e raça nas escolas públicas da região metropolitana de Belém. 213 f. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SANTANA, Korine Cardoso et al. Educação Física escolar, relações étnico-raciais e Formação Continuada de professores a partir da ótica decolonial. Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 22, n. 8, p. e17476-e17476, jun. 2025.

SANTOS, Jessica Reis Cavalcante et al. Práticas antirracistas nas aulas de educação física: um breve panorama. inCORPOrAÇÃO, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 39-57, 2023.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Multiculturalismo e metamorfose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. In: BONELLI, Maria da Glória; LANDA, Martha Diaz Villegas de (org.). Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina. São Carlos: Compacta, 2013. p. 33-60.